



**RICARDO
ARAÚJO PEREIRA**

**MIXÓRDIA DE TEMÁTICAS,
SÉRIE MIRANDA**

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X I V

ÍNDICE

9	Quando a Mixórdia toca
12	Turismo de borrasca
14	Vicky
17	Fernando e o evolucionismo
19	Maleitas de Portugal
22	Preparação para o Dia dos Namorados
25	Continua farrusco
27	Não parta parvamente o pão
30	Vitórias no Euromilhões
33	Níveis prejudiciais de amor
36	Devo tudo o que sou a um alguidar
38	Roda Viva
41	Acumula-tralhas
43	O mundo é desagradável para mim
46	Pela calçada portuguesa
48	Figuras que a História esqueceu
50	Experiência de quase-morte
53	Pré-sono
56	Urso fantasma
58	Regulação de «petits noms»
61	Debate muito interessante
64	Impossibilidade da tragédia em Angola
66	Ultra Boys da Arrifana
69	Abílio's Eleven
72	As mais belas histórias
75	Hospital de Santa Fernanda
78	Cabo Miranda
80	Certos recipientes urinam
83	Introdução ao Estudo da Vida

© 2014, Ricardo Araújo Pereira
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Mixórdia de Temáticas – Série Miranda*
Autor: Ricardo Araújo Pereira
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Novembro de 2014

ISBN: 978-989-671-241-9
Depósito Legal n.º 382 575/14

87	Publicidade a crianças	173	Com o número 12, Cavaco
90	Ainda agora começou	175	Operação Palito
93	Demónio possui deficientemente	177	Alguns pensamentozinhos
95	Talento no clero	179	Doenças in Rio
98	Vultos do pingue-pongue	181	Rescaldo dos rescaldos
100	Melhor calçador de relva	183	Um pouco de cinema
105	É favor não lamber a arena	185	Chalupa <i>spotting</i>
107	Horta urbana	189	Futebol é para meninas
110	Detenção em directo	191	Tenha a bondade de auxiliar o metro
113	Inventor de jigajogas	194	A turma das quinaz está a fazer coisas
115	Natureza parva	197	Isto dos <i>runnings</i>
117	Eu repudio estas práticas	199	Cromos colecionam cromos
120	A história mais triste	201	Publicidade com ç
123	<i>Body running health pumping</i>	203	Sua Alteza Real de um terreno
125	Pessoas que são contra vários certames	206	Dia de Miranda
127	Aguariti	208	Toxicojogadores
129	Soluções para amendoim	210	Entrevista a Santo António
131	Ah, ah, ah! Matar o Luís	212	Toma que é para aprenderes, criança
133	Factura da sorte	215	Gravidez empresarial
136	Modernas e inovadoras doenças	217	Fortíssimos no ciclismo
138	Regurgitação de finalistas	219	Sofatologia
140	Juvenal de alto mar	221	Connosco não brincas, Nawaf
143	Al-Qaeda lusitana		
146	Vilões às compras		
148	História Universal do Rabo		
150	Derivado de um armário		
153	Notas sobre dum dum		
155	Vamos evitar certos esfregares		
157	Hotelaria popular		
159	A gesta dos barquinhos		
161	Electrocussão de moscas		
164	Temos de conversar		
166	Festival de barba rija		
168	Meteorologia parva		
170	Pirâmide de Miranda		

QUANDO À MIXÓRDIA TOCA

[Ribaldaria de temáticas]

EU: Bom dia.

PEDRO: Bom dia. Como é que te sentes, no regresso?

EU: Bem. Aliás, queria falar sobre...

PEDRO: (*interrompendo*) Hoje tens o trabalho facilitado. Pedimos aos ouvintes que dissessem o que queriam que fizesses nesta primeira Mixórdia.

EU: Aos ouvintes? Mas eu já tenho um texto escrito.

VANDA: Não, é mais giro assim. Vários ouvintes ligaram a sugerir ideias. Agora só tens de fazer.

EU: Mas eu não consigo fazer uma coisa assim de repente...

VASCO: Consegues sim senhor. É tipo «Quando o Telefone Toca» mas aplicado à Mixórdia.

NUNO: Quando a Mixórdia Toca. É isso. Ó Pedro, põe lá a música.

(*Entra a música de «quando o telefone toca».*)

EU: Não põe nada, isto não faz qualquer sentido.

PEDRO: Faz, faz. Escuta os pedidos dos ouvintes.

(*Entra ouvinte 1 — Teresa Corte Real — a pedir rábula sobre Spiderman nos Vingadores.*)

EU: Spiderman? Mas eu nem sequer vi os *Vingadores*.

PEDRO: Escuta! Há mais.

(*Entra ouvinte 2 — Rita Almeida — a pedir comentário a férias na câmara de Tomar.*)

EU: Mas eu agora vou inventar uma coisa de repente sobre a câmara de Tomar?

PEDRO: Espera. Olha esta.

(Entra ouvinte 3 — Paulo Pereira — a pedir que eu diga mal do Benfica.)

EU: Não, não. Vocês não me pagam o suficiente para isto.

PEDRO: E mais esta.

(Entra ouvinte 4 — Fernanda Marques — a pedir rábula sobre um pastor a quem morreu uma pessoa de família chamada Vítor.)

EU: Isto é gente profundamente doente, pá.

VANDA: Não é nada, faz lá o que as pessoas querem. São os teus ouvintes.

EU: Quero lá saber, isto tem algum jeito?

VASCO: Vá. Vamos começar. Bom dia. Então o senhor é pastor, não é?

EU: Mas eu não quero... Pois, parece que sim. Bom dia.

NUNO: Então o que é que lhe aconteceu?

EU: Olhe, morreu-me uma pessoa de família chamada Vítor.

VANDA: Ah, que pena. Quem era?

EU: Era a minha mãe.

VASCO: A sua mãe? A sua mãe chamava-se Vítor?

EU: Pois, agora que estou a pensar melhor, não faz sentido. Não, era o meu primo. A minha mãe não se chamava Vítor. Chamava-se Jorge.

NUNO: Pois, eu vi logo que era confusão. Então como é que ele faleceu?

EU: Faleceu de um desgosto muito grande que ele teve quando soube do que se está a passar na câmara municipal de Tomar.

VANDA: Que é o quê?

EU: São os funcionários, que têm mais um dia de férias por mês para compensar os cortes no salário. Sim senhor, é melhor do que nada, mas com o dinheirinho compram-se coisas, e com um dia de férias não se compra nada. «Então o que é o jantar, hoje?» «Olha, é batatas, com feijão e férias. Come as férias todas, que fazem bem.» Não dá.

VASCO: Mas sempre têm mais um dia de férias por mês.

EU: Está bem, mas para ir aonde, num dia? «Olha, vou a Paris, de férias, num dia. Vou de manhã, apanho o avião em Lisboa, chego

a Paris, estou lá cinco minutos inteiros, ali, a ver Paris, e depois volto para casa, que no dia seguinte é dia de trabalho.» A mim, um dia de férias só me dá para fazer a mala, amigo.

VASCO: Então e qual é a sua opinião sobre o Benfica?

EU: Ui, o Benfica não presta para nada. Atenção, eu sou uma pessoa que é estúpida e bruta. E porca, até. E, nessa medida, considero que o Benfica é um clube que é mau. Os meus pais eram irmãos, de maneiras que eu, às vezes, não percebo bem as coisas. Abaixo o Benfica, uuuuuuuu. E babo-me bastante. Mas o mais curioso é que eu, à noite, sou o Spiderman.

NUNO: Ah, a sério? E como é que concilia isso com a sua actividade profissional?

EU: É fácil. Portanto, durante o dia, estou com as ovelhas, sou pastor. E à noite visto o fato de Spiderman e vou combater vilões tipo aquele indivíduo que é cientista e é uma espécie de um polvo ou uma lagartixa gigante que anda a fazer maldades nos esgotos.

VANDA: E tem combatido muitos vilões?

EU: Não, porque eu resido na zona da Covilhã, e não há lá muita bicharada dessa. De maneiras que aproveito para ir ao cinema.

VASCO: Gosta de cinema?

EU: Gosto, mas não me deixaram ver os *Vingadores*.

NUNO: Porquê?

EU: Porque eu ia com o meu fato de Spiderman e o porteiro do cinema é o meu pai. E diz ele: «Olha, já te disse que aqui não entras assim vestido. Pareces um maricas.» E eu: «Eh pá, isso é maneira de falares com o teu filho? E sobrinho?» E fui para casa.

TURISMO DE BORRASCA

[Contemplar agitação marítima]

PEDRO: Ao longo desta semana, o mar tem feito estragos em vários pontos do país. As autoridades têm tentado não só controlar os danos causados pelas ondas, mas também afastar as pessoas que se aglomeram junto à costa para ver a fúria do mar. Uma dessas pessoas está hoje connosco. É o sr. Abel Miranda, que esteve ontem na Nazaré, não é assim?

EU: Exacto, Pedro Ribeiro. Gosto muito de ver mau tempo. Sobre-tudo sou um apaixonado por aqueles que são, para mim, os três grandes pináculos da ribaldaria climatérica, a saber: o tufão, a saraivada de granizo e a agitação marítima.

VANDA: Ontem, nas notícias, viam-se vários grupos de pessoas a ver o mar, nos paredões, e a fugir sempre que vinha uma onda.

EU: Exacto. É uma espécie de garraiada mas com vagalhões. Em vez do boi. É mais saudável, e tudo. Eu, pessoalmente, evito as carnes vermelhas. A não ser que um dia chovam vacas. Aí, reconsidero, e é um fenómeno que eu gostava de contemplar. Mas, enquanto não chove gado vacuum, gosto de ir para o paredão fugir das ondas. É dos aspectos mais cativantes do turismo de borrasca.

VASCO: Turismo de borrasca.

EU: Exacto. É a modalidade de turismo praticada pelas pessoas que apreciam condições meteorológicas adversas.

VASCO: Mas o que é que atrai aquela quantidade de gente que se aproxima da costa quando o mar está assim?

EU: É a beleza do espectáculo. Eu, pessoalmente, gosto muito de ver água salgada a espatifar infra-estruturas.

PEDRO: Tem de ser salgada?

EU: Tem, tem. Porque eu sou de Vila Franca, e houve um ano em que o Tejo galgou as margens e destruiu uns barracões. E não me soube a nada. Mas quando é o mar a deitar abaixo uma parede, ou a arrastar um veículo... Ai, meu Deus. Começam os calores.

VANDA: O que é que se passa?

EU: Tive um pequeno êxtase, só de pensar nisto. Respira fundo, Abel. Pensa em águas fluviais.

VASCO: Mas durante a maior parte do ano o mar está calmo. O que é que o sr. faz nessa altura?

EU: É difícil. Sinto um grande vazio. Às vezes, o que eu faço é encher um alguidar com sopa de cozido — que, na prática, é água salgada — vou à varanda e despejo em cima do meu vizinho, que é anão. De maneiras que a proporção fica correcta. Parece mesmo uma maré viva a dar uma traulitada num indivíduo de estatura média. E ele fica cheio de couve, que dá a sensação de ser as algas. Sempre dá para matar saudades.

PEDRO: Deve ser muito agradável, sobretudo para o seu vizinho.

EU: Ele adora. É o meu grande companheiro de viagem para ver borrascas. Na semana passada fomos a Bragança ver o granizo.

VANDA: Não precisa de ir tão longe. Faça um balde de caipirinha e despeje-lho na cabeça. O gelo moído faz as vezes do granizo.

EU: Ui. Tão bom. A dona Vanda é uma menina marota. Ai, meu Deus, que grande ideia. Agora como é que eu acalmo? Não dá. Você é mais sensual do que o dr. Anthímio de Azevedo e o dr. Costa Alves juntos. Ai. Fale-me de meteorologia e geofísica ao ouvido. Ai, tão bom. Agora só penso em granizo. Vá buscar uma cuvete de gelo e atire-ma para cima, sua safadona.

VANDA: Ó sr. Miranda, eu não lhe admito.

EU: Peço desculpa, entusiasmei-me. O que é que faz logo à noite? Quer ir comigo às Penhas Douradas?

VANDA: Não.

EU: Pronto, ao menos tentei. Bom dia.

VICKY

[Drama no zoo]

PEDRO: Hoje, em Mixórdia de Temáticas, a história trágica de Bernardo Miranda, um homem que levou o filho ao jardim zoológico. Bernardo, é difícil imaginar que possa haver drama numa visita ao zoo.

EU: Pois, foi exactamente o que eu pensei naquele dia, quando entrei no jardim zoológico com o meu Luís Miguel. Vou então relatar o que sucedeu comigo e com o meu Luís Miguel. Eu digo ao meu Luís Miguel: «Ó Luís Miguel, o que é que tu gostavas de fazer primeiro, Luís Miguel?»

VASCO: Como é que se chama o seu filho?

EU: É Luís Miguel. E diz ele: «Ó papá, eu gostava de ir ver os golfinhos.» Sim senhor. Vamos à chamada baía dos golfinhos, sentamo-nos na primeira fila. Principia o espectáculo. Vem um golfinho, mergulha até ao fundo do tanque, dá um salto, toca com o nariz numa bóia que está pendurada e volta a aterrar no tanque. Muito bonito. Digo eu: «Estás a gostar, Luís Miguel?» Diz ele: «Estou sim, papá.» Continua o espectáculo. O golfinho atira o treinador ao ar, dão uma cambalhota cada um e voltam a aterrar no tanque. Também muito bonito. E eu: «Estás a gostar, Luís Miguel?» E ele: «Estou, estou, papá.» Tudo certo. O golfinho volta a dar um salto, dá três piruetas no ar, engana-se quando volta para baixo e aterra-me em cima do Luís Miguel. Começa tudo a gritar, obviamente. E digo eu: «Estás a gostar, Luís Miguel?» E ele: «Mmmmmf mmmf mmmmmmmf!»

VANDA: Isso era sim ou não?

EU: Ainda hoje não sei, porque o miúdo não fala desde aquele incidente. É das coisas que eu tenho mais curiosidade de saber. Bom, começa uma correria doida e chegam ao pé de nós os treinadores do golfinho. E eu: «Escutem uma coisa, os dois primeiros truques estavam bons, mas deste não gostei tanto.» E eles, nada. Vê-se que são o tipo de profissional que não aceita uma crítica. Todos de roda do golfinho, a gritar: «Vicky, Vicky, estás bem?» E eu: «Ai o que interessa é o Vicky? E o Luís Miguel?» E eles: «Quem é o Luís Miguel?» E eu: «É o miúdo que está debaixo do Vicky.» E eles borrifam-se em mim e continuam: «Nós vamos tirar-te daqui, Vicky.» E eu: «Pois, coitadinho do Vicky. Não se preocupem, que o meu Luís Miguel amorteceu-lhe a queda com o nariz.» Eles nem me ouviram. Continuaram de roda do golfinho, a ver se o metiam outra vez no tanque.

NUNO: E o Bernardo, o que é que fez?

EU: Eu disse: «Escutem, mais tarde, quando puderem, considerem a hipótese de tirar esta parte do espectáculo. É que uma coisa é a gente ir à aldeia dos macacos e vir um macaquinho roubar o gelado à criança, outra coisa é estarmos a ver um espectáculo e o Luís Miguel levar com um peixe de 300 quilos nas trombas.»

PEDRO: E eles?

EU: E eles: «Não é um peixe, é um mamífero.» E eu: «Mas olhe que tresanda a peixe, não cheira nada a mamífero.» Ainda hoje, quando se está ao pé do meu Luís Miguel, é um cheiro a peixe que não se pode. Os miúdos, na escola, chamam-lhe o Docapesca.

NUNO: Pode usar a alcunha Docapesca numa frase, só para vermos aquilo a que o miúdo é submetido?

EU: Sim. «Ó Docapesca, queres jogar às escondidas?»

VANDA: E como é que ele reage a isso?

EU: Nunca quer, porque toda a gente topa sempre onde ele está escondido, por causa dos gatos. Vêm gatos de outras freguesias, para andar atrás dele a miar.

VASCO: E o que é que aconteceu depois, no jardim zoológico?

EU: Ah, exacto. Ao fim de uma meia hora eles conseguiram tirar o Vicky de cima do meu Luís Miguel. E eu: «Queres ir para casa, Luís

Miguel?» E ele: «Aaaaaaaaah...» E eu: «Vamos para casa, então.» Mas antes, fui à bilheteira e disse: «Olhe, eu comprei aqui um bilhete mas não pude usufruir porque o meu Luís Miguel levou com um golfinho em cima e já não consegui ver o espectáculo das focas. De maneiras que era para saber se me devolviam o dinheiro.» E diz o homem: «Não dá. Aliás, convívio com os golfinhos é mais 50 euros.» E eu: «Mas a iniciativa de conviver foi do Vicky.» E o homem: «O seu filho tem alguma doença respiratória?» E eu: «Tem bronquite asmática.» E ele: «Então foi o miúdo que o chamou. Porque a malta da bronquite, quando respira, faz um género de um apito (iiiiiiih) que é muito semelhante ao chamamento dos golfinhos. O Vicky ouviu chamar e quis ir acasalar com o putu. Todas as semanas vêm cá os bombeiros tirar o Vicky de cima de um asmático. De maneiras que são 50 euros.» E eu: «Pronto, Luís Miguel. Já não levas o peluche. Para a próxima estás sossegado.»

FERNANDO E O EVOLUCIOSMO

[Pertinentes críticas a Darwin]

PEDRO: Connosco, hoje, um dos padres mais arrojados da nova geração, o padre César Miranda. Sr. padre, a sua igreja está sempre cheia. Qual é o seu segredo?

EU: O meu segredo é o meu sobrinho Fernando, que veio comigo, aliás. Diz bom dia aos senhores, Fernando.

VASCO: Bom dia.

EU: Valha-me Deus. Nem aqui sabes estar, Fernando. Põe-te direito, Fernando.

VANDA: Mas porque é que o seu sobrinho Fernando atrai pessoas à igreja?

EU: Porque eu demonstro, com a ajuda do Fernando, que a teoria da evolução do Darwin está errada.

NUNO: Como assim?

EU: Porque não faz sentido. Catorze mil milhões de anos, estive a bicharada toda a evoluir, não é? Ali, sempre a melhorar, cai uma barbatana, nascem duas patas, adapta aqui, modifica acolá, sempre a aperfeiçoar, cada vez mais, e no fim disto tudo sai o meu sobrinho Fernando? Catorze mil milhões de anos para dar esta maravilha, é?

PEDRO: Mas não parece haver nada de mal com o seu sobrinho Fernando.

EU: Não parece, pois não? Ó Fernando, diz lá ao senhor onde é que tu trabalhas.

VASCO: Neste momento não trabalho. Estou a concluir o doutoramento em Filosofia.

EU: Viu? Não trabalha. Tu és um vagabundo, Fernando. A tua mãe chora todos os dias por ti, Fernando.

NUNO: Ó sr. padre, o Fernando parece ser perfeitamente normal.

EU: Parece normal, não parece? Ó Fernando, diz lá como é que se chama a tua mulher.

VASCO: Eu não sou casado.

EU: Não é casado. 32 anos e ainda não casou. O que é que tu andas a fazer da tua vida, Fernando? Andas a estudar para quê, se não sabes nada, Fernando? Quantos são 4 vezes 7, Fernando?

VASCO: 28.

EU: Tiveste sorte. Com um fueiro nas costas é que o teu pai te devia ter dado, que ainda ia a tempo de te endireitar, Fernando.

PEDRO: Mas, padre César, se o seu sobrinho Fernando prova que o evolucionismo está errado, a existência dele também acaba por ser uma crítica a Deus, porque foi Deus que o criou.

EU: A gozar. Deus criou o Fernando a gozar. Ah, não tenho dúvidas nenhuma. Isto que aqui está só pode ter sido feito na brincadeira. A minha irmã, quando era nova, ninguém a parava em casa. Era arraiais, era festas, era tudo. E eu disse-lhe: «Albertina, olha que Deus castiga tanta galderice.» Mas longe de imaginar que o castigo havia de ser tão pesado, que isto é uma partida um bocado forte. Olha para isto. Tu quando é que fizeste a primeira comunhão, Fernando?

VASCO: Não fiz. Questiono a existência de Deus.

EU: Questionas, não é? O sr. Fernando questiona Nosso Senhor. Uma chapada nas ventas é que tu merecias, Fernando.

VANDA: E Deus, para si, está acima de qualquer crítica, padre César?

EU: Menina, pode-se criticar, desde que sejam críticas construtivas. Eu próprio as faço, muita vez. Por exemplo, eu considero que o mundo está bastante bem feito. Bonito, variedade de materiais, sim senhor. Agora, se calhar gostava mais de outros acabamentos. Se fosse eu a fazer, fazia de outra maneira? Se calhar, fazia. Mas agora é fácil falar. Senta-te como deve ser, Fernando.

MALEITAS DE PORTUGAL

[Hoje: ansiedade]

PEDRO: Hoje, em Mixórdia de Temáticas, a nova subrubrica «Maleitas de Portugal», em que os nossos ouvintes vêm apresentar-nos algumas moléstias de que sofrem e nós ficamos satisfeitos por não sofreremos da mesma coisa, ou sofreremos apenas em menor grau. Boa disposição, nas manhãs da Comercial. Sr. David Miranda, bom dia. O sr. é doente, não é assim?

EU: É verdade, Pedro Ribeiro. Bom dia, antes de mais nada, a todos aqui presentes e a quem nos acompanha, de facto, através da radiofonia. Eu sou realmente um indivíduo que, portanto, é doente.

PEDRO: De que é que se queixa?

EU: É da ansiedade. Um grau elevadíssimo de ansiedade que me causa grande transtorno. Muito incomodativo. A pessoa não consegue estar sossegada. Ui, estou um bocadinho nervoso. Respira bem, David. Isso é demais. Respira menos, agora. Valha-me Deus. Oi, tumba, fiz um bocadinho de xixi. É normal. E tenho uma dificuldade muito grande em acompanhar o raciocínio, digamos, com a oralidade, não é? É a verbalização que falha. Porque eu estou a pensar no que vou dizer e quando vou para verbalizar já estou a pensar noutra coisa e depois verbalizo? É o verbalizas. Verbalizo mas é o catano. Já tenho o raciocínio concentrado no que vem a seguir, derivado da ansiedade. Sobretudo é cansativo. Eu chego ao fim do dia exausto. A pessoa não consegue, digamos, vamos lá, portanto, como é que eu hei-de?... Pronto, é chato.

VANDA: O sr. sempre foi ansioso?

EU: Não. Eu, no princípio, tinha alucinações. Via coisas, não é? Depois tomei uma medicação para me tirar as alucinações, só que fiquei com ansiedade. Passaram as alucinações mas fiquei com ansiedade. Estava melhor antes, quanto a mim. Tenho muita saudade desse tempo. Alucinar é mais sossegado. E acaba por ser interessante. É como ver televisão dentro da cabeça, não é? Mas programas bons, atenção. Eu via coisas maravilhosas. Uma vez, um rato gigante a comer-me um pé. Vi eu, durante uma semana ou duas. Em HD, efeitos especiais muito bons. Espectacular, mesmo. Volta e meia, aparecia o ratinho. Chompa, chompa, chompa, chompa, chompa. A petiscar-me um pé. E eu a pensar: «Isto assusta um bocadinho.» E ao mesmo tempo: «Chupa, Spielberg.» Porque parecia mesmo real. Impressionante.

VASCO: Portanto, sofreu de duas grandes maleitas: as alucinações e a ansiedade.

EU: No âmbito do normal, sim. Foram essas duas. No âmbito do normal. No âmbito do paranormal, de vez em quando sou possuído por forças malignas. Não é malignas, é desagradáveis. Sou possuído por forças desagradáveis. Portanto, não é o próprio Satanás que baixa sobre mim para me possuir, é outro demónio mais fraquinho que também deve trabalhar com ele mas que ainda está a começar, ou assim, porque ainda não é maligno. É só malcriado. Portanto, eu não fico mau, fico rabugento, só. É um género de uma birra, não é? Agora já há um tempo que não tenho. Porque durante muitos anos eu tomava uns comprimidos mas aquilo não me fazia nada. Era igual a não tomar. Mas da última vez que estive possuído fui a um endireita de Palmela. E ele é que me curou, sem comprimidos, sem nada. Disse-me só, deite-se aí, de barriga para baixo. E administra-me um pontapé nas ventas. Pumba, o demónio saiu logo. E três dentes. Também saíram. O demónio e três dentes. Saiu tudo. Nunca mais os vi.

NUNO: Mas da ansiedade é que não se consegue livrar.

EU: Exacto. Eu, se pudesse, eu já nem digo que queria curar-me. Eu queria trocar com outra maleita, porque esta é realmente muito

cansativa. Eu não tenho parança. Bastava-me trocar por outra. Por exemplo, dupla personalidade. Gostava muito de experimentar a dupla personalidade. Já disse ao meu médico e tudo. O dr. Rocha Alves. «Ó dr., e se eu trocasse para dupla personalidade?» Só que tenho um problema na mudança para as duas personalidades. É que eu, neste momento, não tenho nenhuma. É capaz de ser um salto muito grande, de zero personalidades para duas.

NUNO: O sr. não tem personalidade nenhuma?

EU: Não tenho, não. Se quiser faça-me um teste e comprova-se imediatamente.

NUNO: Então, por exemplo, este caso dos quadros do Miró. Qual é a sua opinião? O sr. é a favor da venda?

EU: Sou, sim senhor. A favor da venda. Julgo que é a melhor solução.

NUNO: E contra a venda? É contra a venda?

EU: Sou, sim. Contra a venda. Já há muitos anos.

NUNO: E indiferente à venda? É indiferente à venda?

EU: Sou. É uma questão que não me diz nada.

NUNO: Pois, realmente o sr. não tem personalidade nenhuma.

EU: É formidável, não é? Bom, vou andando porque tenho mesmo de me ir embora.

NUNO: Não, fique mais um bocadinho.

EU: Está bem.

MIXÓRDIA DE TEMÁTICAS
SÉRIE MIRANDA

foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Guide, Artes
Gráficas, sobre papel Coral Book
de 80 gramas em Outubro de 2014.

